

A Propósito dos "Tabus Lingüísticos"

O nosso despretensioso **Tabus Lingüísticos**, Organização Simões, Rio, 1956, mereceu atenção do catedrático da Universidade de S. Paulo, prof. Silveira Bueno, o qual se manifestou através de uma crítica no **Jornal de Filologia**, n.º 11, vol. IV, fasc. 2, abril-junho de 1956, não faz muito saído a lume.

As suas observações os esclarecimentos que se fazem necessários de nossa parte:

1.º) "Seria interessante, diz o prof. Silveira Bueno, que continuasse a pesquisa e demonstrasse que o eufemismo, contagiado pelo tabu, passa a ser também vedado, sendo necessário procurar nova expressão eufêmica para substituí-lo".

Passou despercebido ao prof. Bueno o constante, p. ex., no item — **veado** (p. 160 e ss.). Assim, tal já foi demonstrado.

2.º) Discorda S. B. da afirmação que o disfemismo substitui o tabu: "se o tabu é proibido, a fortiori deverá sê-lo o disfemismo que o agrava".

Importa salientar que a substituição do tabu por um disfemismo é por força de não ser direta a expressão, mas indireta. Veja-se a explicação, que também lhe passou despercebida, no cap. 6 — "A neutralidade dos substitutos".

3.º) Diz Silveira Bueno a propósito de **coisa-ruim**: "Coisa-ruim" é antes, um eufemismo que um disfemismo do diabo".

Disfemismo é uma expressão agravante e eufemismo é expressão suave para idéia triste ou desagradável. Ora, chamar coisa a um ser, ao demônio, não é expressão suave, e muito menos **ruim**. Logo, **coisa-ruim** é um disfemismo e não eufemismo.

4.º) Tudo que consta da p. 29 até a 38 é resumo dos “principais processos eufemizantes”, conforme João da Silva Correia. Não se trata de tabus, nem eu disse que eram tais. Assim, se o prof. Silveira Bueno lesse, pelo menos, o começo na p. 29, não diria que “todos êstes pontos estão fora do assunto”.

5.º) “Dês por Deus, como adês por adeus, é mera pronúncia dialetal”, assevera o catedrático paulista.

Vejamos o que diz Leite de Vasconcelos: “Os nossos antigos usavam interjetivamente a expressão **pardês**, isto é, “por Deus!”, espécie de jura. Para evitarem a profanação do nome de Deus, empregando em sentido ordinário uma expressão solene, e também porque a jura era freqüentemente falsa, desfiguravam aquela expressão em **pardelhas**”.

Conclusão: O dialetismo **pardês** era desfigurado sob a forma **pardelhas**. Logo, Leite de Vasconcelos está certo e nós com êle, pois apenas citamos (p. 68) o que acabamos de transcrever.

6.º) Há, sim, tabuismo em japonês no uso de **yotsu**, “quatro”, em vez de **shi**, “quatro” e “morte”. Para entendê-lo, é de mister lembrar o constante na p. 13 — o tabu lingüístico “não é uniforme na intensidade e não é coincidente, isto é, uma palavra tabuizada num povo, numa comunidade, numa família, poderá não sê-lo em outro povo, comunidade ou família...” Destarte, se há pessoas que proferem destemerosamente **diabo**, outras há que o receiam, e usam substitutos. Entre o povo japonês em geral, **shi** é evitado. Tenha a confirmação com qualquer japonês culto, e verá o prof. Bueno que M. Pei e L. Magnino têm razão.

Graças à dualidade de numeração, tal foi o recurso; poderia, contudo, ser outro.

Segundo somos informado, todos os homônimos **shi** que o prof. Silveira Bueno citou, são eruditos ou da linguagem literária; não são populares, portanto pertencem a outro âmbito social. Ademais, na p. 234 dos **Tabus** escrevemos o seguinte: “O desaparecimento de vocábulo ou a perda de elementos fonéticos e semânticos não se fazem uniformemente dentro das coletividades, e podem não verificar-se totalmente numa família lingüística”.

7.º) Consta na p. 130 dos **Tabus Lingüísticos** que “popularmente, o substituto de **piolho** é **bicho**, no Brasil e em Portugal”. Silveira Bueno alega, por sua vez, que “nunca ouvimos tal; o que se diz é **boi**”.

O fato de alguém nunca ter ouvido uma expressão não é motivo para negá-la (é o que dá a entender sua afirmação). O que o prof. Bueno deveria ter dito, era — “Também se diz **boi**”. Ou “Tenho ouvido **boi**”.

Quantas expressões existem que o prof. Silveira Bueno e eu não conhecemos!...

R. F. Mansur Guérios
